

viagem: JUNHO 84  
autor: Arthur Nobre Mendes

VIAGEM AO GARIMPO DE TUCUMÃ:

RELATÓRIO ANTROPOLÓGICO. ( Port. Nº 1644/E de 29.05.84)

I- Introdução: Este trabalho visa apresentar sugestões à cúpula administrativa da FUNAI quanto à atuação do órgão junto às comunidades Kayapó do Estado do Pará, que atualmente vivem a experiência inédita para elas, de convivência com garimpeiros e pioneiros de todas as partes do país que se dirigem à região sul do Pará. O que se segue é resultado de nossa permanência durante 15 dias na região entre a cidade de Tucumã, a aldeia Kikretum e a pista do Arraia, situada no interior da Área Indígena. Além da observação direta contamos ainda com a experiência de alguns colegas que estiveram anteriormente na área, com os quais debatemos o assunto.

## II- Apresentação do Problema.

No ano de 1983 a comunidade Kayapó da Aldeia Kikretum através de seu Cacique Tuto Pombo, firmou contrato com uma empresa de mineração para exploração de ouro no interior da área indígena. Esse contrato, juridicamente nulo, foi denunciado pela FUNAI e a empresa retirada da área indígena.

A partir da saída da empresa de mineração, a prospecção do ouro passou a ser feita individualmente pelos garimpeiros autorizados pelo Cacique Pombo, o que configura, da mesma forma, uma situação juridicamente irregular.

No fim do ano passado, numa tentativa de disciplinar o ingresso de garimpeiros na área e administrar mais racionalmente a renda da comunidade indígena, a FUNAI assumiu o controle do garimpo, incidente na área indígena.

Começaram então a se suceder na área, as equipes de coordenação do garimpo de Tucumã no interior da área Kayapó. Essas equipes agiam, cada uma, à sua maneira já que inexistia qualquer orientação superior da cúpula da FUNAI nem qualquer posicionamento quanto à irregularidade da situação.

O garimpo de Tucumã funciona nos moldes dos demais garimpos de rio. Abre-se, no meio da floresta, uma pista-de-pouso para pequenos aviões ao redor da qual instalam-se cantinas, farmácias, restaurantes, oficinas mecânicas, etc; Toda uma infra-estrutura destinada a atender os garimpeiros em suas necessidades básicas. Adiante da

filw

pista há o 'baixão' onde se encontram os garimpeiros ao longo do rio ,  
 extraíndo o ouro de seu leito e margens. Cada garimpeiro tem seu tre-  
 cho, ou seja, uma extensão de rio na qual ele detem a exclusividade da  
 exploração de ouro.

Há três níveis de participação no garimpo de rio. Primei-  
 ramente há o trabalhador manual que extrai o ouro nos moldes tradicio-  
 nais com seu balde e sua batéia. É comum o dono do trecho contratar, em  
 regime de participação, outros garimpeiros para lhe auxiliarem no ser-  
 viço. Assim que ele consiga juntar algum dinheiro, passa a trabalhar  
 com um motor "branco" que agiliza a lavagem do cascalho, aumentando  
 assim a produção. O passo seguinte é a aquisição de uma "chupadeira" que  
 consiste num conjunto de dois motores, um para lançar a água do rio  
 desmanchando o barranco e o outro para lançar essa lama na caixa onde  
 o ouro será separado do cascalho por decantação.

O motor branco exige a contratação de, no mínimo, três  
 trabalhadores e a chupadeira de seis. Em ambos os casos, o dono do tre-  
 cho e do motor paga a seus contratados uma porcentagem do ouro apu-  
 rado que varia, segundo o caso, de 5 a 8 por cento. Esse sistema cria  
 uma progressão geométrica na medida em que os garimpeiros contratados  
 para trabalhar num trecho visam, todos eles, adquirir seu trecho e con-  
 tratar outros garimpeiros para trabalharem para si.

No caso do garimpo de Tucumã há a particularidade de se  
 encontrar, em parte, no interior da Área Indígena Kayapó. São quatro, até  
 o momento, as pista abertas no interior da Área Indígena:

Mutum; a seis minutos de vôo de Tucumã

Batéia; a nove minutos de vôo,

Arraia; a dez minutos de vôo, e

Filomeno; a doze minutos de vôo.

A participação direta da comunidade no garimpo é mínima  
 já que os índios não se encontram diretamente engajados na extração do  
 ouro. A presença da comunidade indígena no garimpo limita-se à permanen-  
 cia de um ou dois guerreiros em cada pista fiscalizando o trabalho dos  
 garimpeiros como dos funcionários da FUNAI.

A receita do garimpo revertida à comunidade indígena a-  
 tinge mensalmente entre 60 a 70 milhões de cruzeiros. Apesar disso, não  
 se observa grandes melhorias na aldeia Kikretun. A aplicação desse di-  
 nheiro é feita por decisão do Cacique Pombo que prefere utiliza-lo na  
 aquisição de bens não duráveis ou mesmo perecíveis como roupas, sapatos  
 guarda-chuva, alimentos em geral, etc. As únicas obras realizadas na al-

deia foram a abertura de um poço artesiano e a instalação de energia elétrica que funciona precariamente, atendendo somente a algumas casas.

As compras de bens de consumo não se destinam unicamente à aldeia Kikretun, mas a todas as comunidades Kayapõ, sendo enviadas através de avião fretado, o que dá bem uma idéia do custo elevadíssimo de tal prática.

Com isso, o Cacique Pombo pretendia com toda segurança estender sua liderança a toda a nação Kayapõ numa tentativa, quem sabe, de tornar-se o Cacique de todos os Kayapõ. Essa política caríssima, causou uma reação da comunidade de Kikretun que parece ter exigido de seu Cacique maior atenção. Diminuíram assim sensivelmente os presentes a outras comunidades e começou-se a construir uma nova aldeia Kikretun, ao lado da atual, toda ela de alvenaria com previsão de água e luz para todas as casas. Durante minha permanência junto à comunidade estava-se concluindo o desmatamento da área circular destinada à nova aldeia, e havia-se iniciado a construção da "casa do guerreiro" na praça central dessa área.

Não deixaram de existir, no entanto, os problemas da coordenação, <sup>com a dívida da</sup> da comunidade indígena (toda ela em nome do Cacique Tuto Pombo), em especial com as companhias de Tâxi-aéreo de Tucumã.

A razão dessa dívida crescente deve-se à influência que determinadas pessoas da cidade exercem sobre o Cacique Pombo, levando-o a realizar transações comerciais que não lhe trazem vantagem. Assim é que um Sr. conhecido como Bigode, convenceu-o a comprar um hotel na cidade que ficou sob a gerência desse Sr. A coordenação da FUNAI afirma que o hotel nunca apresentou um demonstrativo de lucros mas que diariamente o seu gerente apresenta Notas Fiscais a serem pagas pela coordenação utilizando-se da renda da comunidade. Outro Sr, de nome Anastácio, entrou em sociedade com o Cacique na aquisição de uma aeronave, que, no entanto, encontra-se registrada somente em nome do primeiro. O piloto do avião, de nome Jorge, força junto ao Cacique a realização de vôos desnecessários, visando aumentar seu soldo, em prejuízo da comunidade que paga pelo vôo sem saber que está pagando, porque acredita que o avião, por ser de propriedade do Cacique Pombo, encontra-se à disposição para qualquer eventualidade.

Além dessas "transações" o Cacique foi ainda induzido a comprar vários lotes na cidade em um dos quais funciona o alojamento dos índios em trânsito pela cidade. Outra casa foi comprada pelo Caci

que em benefício de uma Sra. de nome Antônia para quem a casa foi doada assim como toda o mobiliário da mesma. Essa Sra. realizava despesas em Tucumã em nome do Cacique sem nenhum controle. Alguns dias antes de chegarmos em Tucumã os filhos do Cacique haviam invadido essa casa e expulsado sua ocupante, mantendo a residência constantemente sob a vigilância de um guerreiro. Essa Sra., que vinha servindo de amante ao Cacique Pombo, constituiu advogado para reaver a casa que se encontra registrada em seu nome. A 2a. DR deslocou seu advogado até Tucumã na tentativa de recuperar a propriedade para a comunidade de Tucumã. Segundo o advogado da 2a. DR, isso só seria possível mediante um acordo e uma indenização já que todos os registros, tanto da casa quanto do lote, encontram-se em nome da Sra. Antônia.

Enfim, a dívida crescente da comunidade de Kayapó na praça de Tucumã deve-se, na sua maior parte, à ação de pessoas pouco escrupulosas junto ao Cacique Pombo. Inclui ainda a ação dos próprios comerciantes o induzindo a fazer compras supérfluas.

O cacique Pombo, como costuma acontecer em todas as aldeias Kayapó, exerce o poder de uma forma incontestada, atraindo para si todas as decisões e resoluções de conflitos no âmbito da aldeia do Kikretum. É uma pessoa receptiva, preocupado em bem receber os visitantes ou funcionários da FUNAI, sendo ainda um líder com idéias próprias acerca do futuro dos Kayapó. Infelizmente o Cacique, quando da instalação do garimpo na Área Indígena, não dispunha de conhecimentos ou experiência suficientes que o habilitasse a compreender e a dominar todas as circunstâncias de uma sociedade tão complexa como é a sociedade branca. Para suprir essa deficiência o Cacique Pombo valeu-se da orientação e conselhos dos seus amigos de Tucumã. Estes, como era de se esperar diante de tamanha soma de dinheiro envolvida, formaram uma espécie de sociedade de que se alimenta com o dinheiro da comunidade Kayapó e se mantém coesa graças à cumplicidade mútua que permite a cada um explorar sua parte do filão, sem se intrometer nos negócios dos demais.

O piloto, o gerente do Hotel, o dono do posto de gasolina, que atualmente constrói a estrada até a aldeia, o ex-funcionário da FUNAI, de nome Gerson, que numa primeira instância assumiu a gerência do garimpo no interior da área indígena, o dono do super-mercado e outros comerciantes de Tucumã formam esse grupo de privilegiados a controlar os negócios do Cacique Pombo.

A ação da FUNAI, através das equipes de coordenação, não é

suficiente para fazer frente a essas pessoas. A constante mudança dos funcionários frente à coordenação impossibilita o surgimento de uma maior confiança por parte do Cacique Pombo com relação à FUNAI. Por outro lado, pode comprovar, sem qualquer sombra de dúvida, que essas pessoas que se aproveitam da confiança depositada pelo Cacique Pombo estão constantemente denegrindo a imagem da FUNAI. A falta de um elemento da FUNAI permanentemente em Tucumã facilita a ação dessas pessoas na medida em que o tempo de permanência de cada equipe é insuficiente para cativar a confiança do Cacique Pombo e da comunidade.

Constatamos ainda que a preocupação principal dos funcionários da FUNAI na Área consiste em equilibrar as contas, pagando as dívidas. Para isso procuram reduzir ao máximo as despesas e aumentar a receita. Já vimos que, a despeito dos esforços da coordenação, as despesas não diminuem, sobrando como alternativa o aumento da produção do ouro. Dessa forma a FUNAI vem incentivando a entrada de garimpeiros na Área Indígena além de facilitar a permanência dos que lá já se encontram.

#### -Conclusão e Sugestões.

Diante do quadro exposto, algumas medidas tornam-se evidentes como forma de melhor solucionar os problemas oriundos do garimpo.

1º- Mecanização progressiva da lavra. Esse ponto será melhor abordado no relatório dos auditores

2º- Um funcionário da FUNAI permanentemente na área no papel de coordenador das atividades, como forma de combater a ação nociva de terceiros sobre o Cacique Pombo. Esse funcionário deverá ter conhecimentos de contabilidade e administração e suficiente tato ou experiência com índios para angariar a confiança do Cacique Pombo, sem que seja necessariamente antropólogo ou sociólogo.

3º- Estudar a possibilidade de agir legalmente contra essas pessoas que usufruem da renda indígena inescrupulosamente, reduzindo assim sua liberdade de ação. Poder-se-ia proibi-los de visitar a aldeia, a não ser com autorização do coordenador ou na companhia dele, e além disso, exigir-lhes uma rigorosa prestação de contas, o que não vem sendo feito.

4º- Incentivar a construção da aldeia nova <sup>como</sup> forma de drenar parte da X receita do garimpo a uma finalidade concreta e duradoura e ainda cô mo forma de manter o Cacique mais tempo na aldeia. A FUNAI poderia deslocar um engenheiro de sua sede para orientar o início das cons X truções de acordo com as plantas que já existem e que foram aprovadas pelo Cacique Pombo. É importante ainda que se respeite o formato cir cular da aldeia independente de razões técnicas de luminosidade ou calor devido à trajetória diária do sol. As casas segundo o projeto X indígena devem se colocar em círculo, todas com suas portas frontais X voltadas para o centro da aldeia onde se ergue a casa-dos-guerreiros.

5º- Transferir, com anuência do Cacique, a casa-do-índio para a casa X a ser retomada em nome da comunidade que, além de se encontrar me lhor situada, oferece maior conforto e condições de higiene que a atual. Esta por sua vez poderia ser aproveitada como depósito de merca dorias considerando sua localização ao lado do aeroporto.

6º- Convidar o Cacique Pombo para vir até Brasília participar de reu niões com a equipe que irá introduzir os novos procedimentos de con trole, quando lhe será explicada a razão dessa mudança e a preocupa ção da FUNAI com a invasão consentida da Área Indígena assim com quanto a má aplicação da receita oriunda do garimpo.